

“ISSO AQUI É PROS MEUS NETOS, POIS NA HORA QUE EU MORRER É PRA LEVAR!”: UM ENSAIO VISUAL SOBRE A DEVOLUÇÃO DE FOTOGRAFIAS EM CAMPO

“THIS IS FOR MY GRANDSONS, BECAUSE THE TIME I DIE IS TO TAKE IT!”: A VISUAL ESSAY ON THE RETURN OF PHOTOGRAPHS IN FIELD

Ana Clara Sousa Damásio dos Santos¹

¹Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil

Em campo etnográfico realizado em 2019 em Canto do Buriti, cidade com pouco mais de 20 mil habitantes no Sudeste Piauiense, acabei acompanhando o grupo “Viver na Melhor Idade”. Esse grupo era destinado especificamente aos moradores da cidade que estavam na “terceira idade”, como me contou a coordenadora do grupo. As atividades ocorriam em um espaço cedido pela prefeitura em um antigo colégio da cidade. O grupo tinha em média 60 componentes, tendo significativa flutuação no número de pessoas que o frequentavam de segunda a sexta-feira. Essa oscilação dependia do dia da semana, do calor, de outras atividades que ocorriam na cidade e poderiam ser mais atrativas. Poderia depender também do trabalho que algumas dessas senhoras teriam que executar para com algum neto, filho, parente ou marido. A idade das participantes variava entre 60 e 90 anos, sendo o grupo composto majoritariamente de mulheres. Ele era organizado pela prefeitura e contava com professores de educação física que executavam movimentos de alongamentos, aeróbicos, para o fortalecimento da musculatura, entre outros. Tudo acontecia ao som de forró, e as aulas tinham duração de mais ou menos 40 minutos.

Apesar de procurar compreender as classificações associadas ao curso de vida em Canto do Buriti (DAMÁSIO, 2020), eu era lida pela coordenadora do grupo e algumas interlocutoras como uma “doutora”, “professora” e “fotógrafa”. Eis que fui solicitada pela coordenadora a, em suas palavras, dar uma “palestra sobre envelhecimento, para ensinar para eles como envelhecer bem”. Fui convocada a contribuir com algo para o grupo. Seguíamos então o ciclo da reciprocidade (MAUSS, 1974). O problema era que esperavam que eu retribuísse com algo que eu não tinha para dar. Era com aquelas interlocutoras que eu entenderia o processo de “cair pra idade” e não o contrário. Ofereci então uma contraproposta para a coordenadora, ofereci o que eu carregava todos os dias para o campo: a câmera, o meu olhar e as fotografias.

As ideias de “devolução” e de “compartilhamento” dos dados etnográficos, dentro da antropologia, são antigas, mas ainda são pouco



valorizadas e praticadas e surgem como crítica aos moldes colonialistas e objetificadores do início da disciplina (FLEISCHER, 2015, p. 2.651). Devolver em campo, ou ser chamada a isso, pode vir de muitas formas. Assim como vemos, somos vistas. Lemos e somos lidas. Pedimos licença para ficar e também somos demandadas. Ao responder a essa demanda e realizar um ensaio fotográfico com as interlocutoras que se sentiram à vontade, pedi que minha mãe, que estava em Brasília, revelasse as fotografias e me enviasse pelos Correios para Canto do Buriti.

Será que elas vão gostar das fotografias? E se não gostarem? Como devolver? Antes da “física” ou depois? Tomada a decisão, cheguei antes de todas estarem na escola e conforme cada uma ia chegando, fui entregando a fotografia a cada uma em mãos: “Vai servir para espantar bicho na roça (risada em seguida); “Ficou maravilhosa essa foto!”; “Vou botar num porta-retrato pra ficar me vendo. Se eu não gostar de mim, quem vai?”; “Tô parecendo com minha filha, Cleide. Ela tá parecendo comigo, né?”; “Tem que pagar quanto?”; “Isso aqui é pros meus netos, pois, na hora que eu morrer, é pra levar”; “Vai ser uma lembrança”; “Deixa eu ver a sua? Ficou bonita!”. Além de utilizar a fotografia como instrumento de pesquisa, ela serviu como o próprio material de devolução. É importante não se esquecer de que os dados não estão apresentados na realidade, mas que são construídos na relação (com o campo). A fotografia floresceu como material de devolução a partir dessas relações que construí em campo, como fui lida por elas e foi gratificante ver uma parte da pesquisa nas mãos das interlocutoras (e quem sabe também em suas estantes?). E a partir da fotografia mais perguntas, questões e considerações emergiram. Ao se verem naquelas fotos, as interlocutoras realizavam análises sobre elas mesmas, sobre o tempo, autonomia, morte, juventude, filho, autoestima.

Algumas interlocutoras iam alguns dias da semana e em outros não. Assim, o processo de devolução das fotografias foi gradual. Muitos elogios, agradecimentos, mas eis que uma interlocutora ao ver sua fotografia disse: “Não gostei. Fiquei descabelada. Não gostei!”. Ela nem mesmo quis ficar com a fotografia e me devolveu. Depois de tantas reações positivas fiquei meio sem jeito com o que ocorreu. A devolução é um momento em que é colocado em xeque nossas relações em campo e é completamente aberto a surpresas, respostas e reações. Tive a oportunidade de ver muitas delas refletirem sobre suas imagens em voz alta e com essa interlocutora não foi diferente. Apesar de não gostar do resultado final, ela me ensinou que estar “descabelada” não fazia parte de como ela se via, queria ou deveria ser refletida em uma imagem.

A fotografia como forma de devolução ajuda a “ver melhor” (BRANDÃO, 2004) de muitas maneiras. Auxilia a antropóloga não apenas a registrar o campo, pensar e fazer etnografia com fotografias, mas a fazer com que as pessoas se deparem com a própria imagem e a partir daí reflitam com-sobre elas mesmas e também sobre a antropóloga que fotografa, troca e está disposta a dialogar para além das próprias considerações.

A devolução é um contar e fazer um mundo perceptivo não apenas sobre pessoas, mas com pessoas (INGOLD, 2019). Transformando esse momento em um encontro em vulnerabilidade (e de vulnerabilidades), a devolução pode ser encarada como um processo de multiafetamentos em que as pessoas envolvidas (interlocutora e antropóloga) são transformadas e transformam em processo suas formas de analisar, de entender e de ver.

A chegada – Canto do Buriti, 2019



A escola – Canto do Buriti, 2019



O contato – Canto do Buriti, 2019



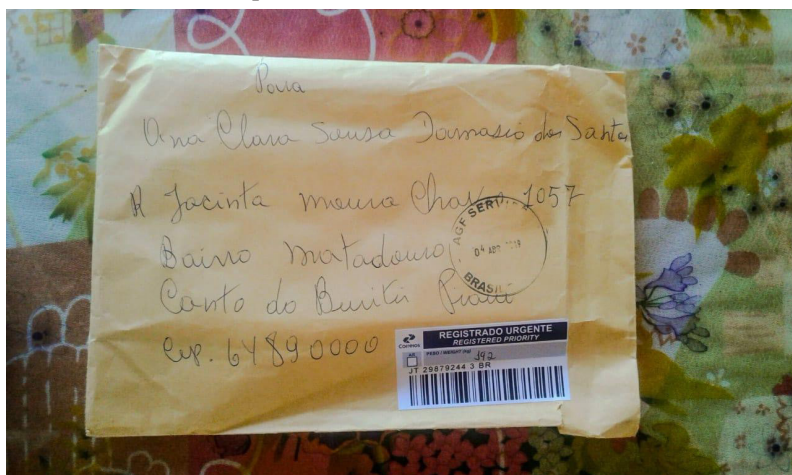
Os exercícios – Canto do Buriti, 2019



O ensaio – Canto do Buriti, 2019



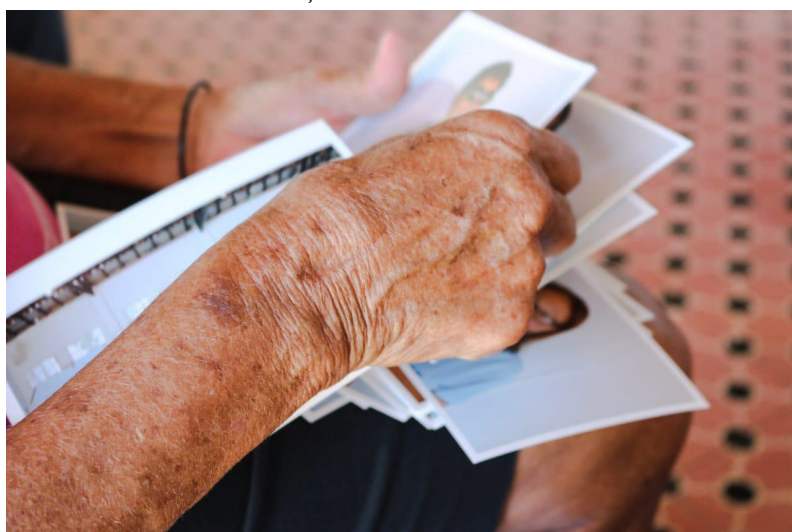
O pacote – Canto do Buriti, 2019



Os retratos – Canto do Buriti, 2019



A devolução – Canto do Buriti, 2019



Ela – Canto do Buriti, 2019



O casal – Canto do Buriti, 2019



REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, C. R. Fotografar, documentar, dizer com a imagem. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, [s.l.], v. 18, p. 27-54, 2004.
- DAMÁSIO, Ana Clara. **Fazer-Família e Fazer-Antropologia uma etnografia sobre cair pra idade, tomar de conta e posicionalidades em Canto do Buriti-PI**. 2020. 206f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.
- FLEISCHER, Soraya. Autoria, subjetividade e poder: devolução de dados em um centro de saúde na Guariroba (Ceilândia/DF). **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 20, n. 9, p. 2.649-2.658, 2015.
- INGOLD, Tim. **Antropologia para que serve?** Petrópolis: Editora Vozes, 2019.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva – Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. **Sociologia e Antropologia**, São Paulo, v. II, 1974.

Submetido em: 20/07/2021

Aprovado em: 1º/11/2022

Ana Clara Sousa Damásio dos Santos

anaclarasousadamasio@gmail.com

Mestra em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás – PPGAS/UFG. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília – PPGAS/DAN/UnB.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7426-7486>